

História e Relações Internacionais: uma entrevista com o Prof. Dr. Rodrigo Christofolletti

*History and International Relations:
an interview with Prof. Dr. Rodrigo Christofolletti*

*Historia y Relaciones Internacionales:
entrevista al Prof. Dr. Rodrigo Christofolletti*

Carolina Martins Saporetti¹

Dalila Varela Singulane²

Pensar a dinâmica entre a História e as Relações Internacionais ainda é algo recente dentro da historiografia brasileira e, se hoje vemos um maior aprofundamento das pesquisas, podemos atribuir ao trabalho do Prof. Dr. Rodrigo Christofolletti. Pesquisando o tema há mais de uma década, suas publicações constituem o principal referencial teórico do campo no Brasil ao abordar como o patrimônio cultural se comporta dentro da interface das Relações Internacionais, sendo um pioneiro na reflexão sobre o conceito de *soft power*. Em sua longa trajetória de atuação, destacam-se as publicações “Bens Culturais e Relações Internacionais: o patrimônio como espelho do *soft power*”, “Patrimônio como esteio das relações internacionais: Em questão o Soft Power” e a organização do I Congresso Internacional Gestão dos Patrimônios da Humanidade Urbanos, do qual se originou a obra “*World Heritage Patinas: action, alerts and risks*”, que reúne pesquisas que tangem toda uma gama de problemáticas e dinâmicas dos patrimônios da humanidade. Atualmente, o pesquisador coordena o Grupo de Pesquisa CNPq “Patrimônio e Relações Internacionais” e orienta

¹ Doutoranda em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Mestra em História pela UFJF (2017). Graduada em Licenciatura e Bacharelado em História com ênfase em patrimônio histórico pela mesma instituição. Membro do LAPA (Laboratório de Patrimônios Culturais) da Universidade Federal de Juiz de Fora e integrante do grupo de pesquisa CNPq - Patrimônio e Relações Internacionais. Atualmente exerce a função de curadora no Centro de Conservação da Memória da Universidade Federal de Juiz de Fora (CECOM-UFJF). Áreas de interesse: patrimônio, memória, IPHAN, políticas de preservação do patrimônio, relações internacionais. E-mail: carolinamartinssaporetti@gmail.com.

² Doutoranda em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Mestra (2021) em História pela UFJF. Bacharela em História (2018) pela UFJF com habilitação em Patrimônio Cultural. Vinculada ao Museu de Arqueologia e Etnologia Americana (MAEA-UFJF). Membro do LAPA (Laboratório de Patrimônios Culturais) da Universidade Federal de Juiz de Fora e integrante do grupo de pesquisa CNPq - Patrimônio e Relações Internacionais. Editora-chefe da revista acadêmica “FACES DE CLIO” e gerente editorial da “Locus: revista de História”, ambas vinculadas ao PPGH-UFJF. Pesquisas e trabalhos na área de Patrimônio Cultural, Racismo e Políticas Públicas de preservação do patrimônio. E-mail: dalilavarela.s@gmail.com.

diversas pesquisas que abordam o patrimônio cultural enquanto *soft power* brasileiro, tráfico ilícito de bens culturais e colecionáveis criminogênicos, e os patrimônios da humanidade.

Nesta entrevista, Christofolletti falou sobre o desenvolvimento da temática no Brasil, o panorama atual da atuação da UNESCO e como ele vê a dinâmica entre o Patrimônio Cultural e as Relações Internacionais em meio as mudanças políticas mundiais e a pandemia que atualmente ainda estamos tentando conter.

Agradecemos ao professor pela conversa e desejamos a todos e todas uma boa leitura!

- **Sendo a temática do Patrimônio e Relações Internacionais fundamentalmente interdisciplinar, como você avalia o desenvolvimento do tema entre os/as historiadores/as?**

Durante muito tempo a História foi muito refratária a tudo que não era estritamente concebido como histórico. Daí advém essa ideia de que quanto mais longe dos acontecimentos mais pura era análise do historiador, etc. Mas eu penso que essa percepção vem mudando nos últimos tempos, a ponto justamente da gente potencializar temas que originalmente possam ser até distantes do crível historiográfico, mas que ultimamente tem sido olhados, tem sido concebido de maneira mais interdisciplinar, sobretudo, no caso da História. Quando eu aproximo a História das Relações Internacionais e as Relações Internacionais como Patrimônio, na verdade eu estou estabelecendo uma conexão, uma triangulação entre espaços de atuação das Ciências Sociais que não se conversavam antes. Então, estabelece-se uma conexão que por ser nova ainda causa certo embaraço para algumas pessoas e certa dificuldade de compreensão de até onde o estatuto de proximidade entre as ciências podem se dar.

Nesse sentido, quando vocês perguntam como que o historiador lida diante dessa aproximação temática, eu acho que tem tido uma recepção muito interessante, muito aberta com relação a essa ideia. É uma ideia realmente que em termos temáticos é nova e, portanto como dito, ainda depende de certa experimentação. Por isso, temos desenvolvido tanto em textos quanto em livros essa dinâmica, ampliando os temas e as temáticas que estão sendo consolidados nessa interseção entre Relações Internacionais e História. De maneira que, para o historiador que está acostumado a sempre olhar minúcia a partir das conexões, eu acho que

é um prato cheio para desenvolver temáticas e pesquisas que vão alavancar cada vez mais essa dinâmica de compreender o mundo na lente do internacionalismo.

Por outro lado, se levarmos em consideração que as lentes da História Cultural, sobretudo da História Cultural e da História Política, também têm se ampliado e potencializado novas conexões. No caso da História Cultural, desde a aproximação com a Antropologia, a Linguística dos anos 60 para cá, o *Linguistic Turn*, e o próprio giro cultural, tudo isso vai ampliando o escopo da percepção do historiador. Essa dinâmica de pensar as Relações Internacionais no diapasão do patrimônio, ou seja, pensar o patrimônio como uma pedra de toque, seja uma ponte que conecta essas áreas. Além de ser naturalmente um desafio para o historiador, é extremamente satisfatório porque te possibilita, além de transitar entre as áreas, aprender novos jargões, novas conformações mentais, isto é, uma nova utensilagem, como diria o Marc Bloch “novas utensilagens mentais”. Acredito que potencializa também a sua visão de conjunto. Essa ideia é bastante significativa para o historiador que trabalha com as Relações Internacionais e analisa o patrimônio, ou sua preservação, em nível mundial, como um estudo de caso bastante ampliado e multifacetado. Então, essa primeira resposta eu acho que tem pouco a ver com essa dinâmica, que para o historiador quanto mais plural for a possibilidade de potencialidade de interpretação dele, melhor.

- **Em 2015 foi publicado o livro “Bens culturais e relações internacionais: o patrimônio como espelho do *soft power*”, uma obra pioneira sobre o tema no Brasil. Passados seis anos e uma pandemia ainda presente, como você analisa o papel do *soft power* nas dinâmicas do Patrimônio Cultural e as Relações Internacionais?**

Com relação a isso, já se vão seis anos, quase sete anos da publicação desse primeiro livro “O patrimônio como espelho do *soft power*”. Naquele momento, talvez tenha sido a publicação pioneira no Brasil para discutir essa ideia de *soft power* como um vetor de preservação do patrimônio. De lá para cá, tem-se produzido muita coisa em grupo, sendo que o próprio conceito de *soft power* foi se avolumando no sentido das pesquisas e se aprofundando do ponto de vista da compreensão da maneira que chegamos seis anos depois, em um período absolutamente atípico, como foram esses dois anos de pandemia, percebendo que, cada vez mais, essa dinâmica que antes era muito vinculada apenas a ideia dos politicólogos *stricto sensu* do poder, das relações de poder nas relações internacionais, acabou

se espraiando, se amplificando e dando outros passos. Dentre os quais, e esse eu acho que o grande mérito desse livro, a dinâmica da preservação do patrimônio em nível internacional. Isso porque temos uma consolidada bibliografia em relação ao nosso patrimônio, sobretudo edificado, natural ou cultural nacional, sendo o IPHAN a nossa ponta de lança, o nosso farol, sem dúvida nenhuma. Mas, do ponto de vista internacional não tinha muito mapeado quais eram, não só as pesquisas em andamento, mas sobretudo qual era a epistemologia que estava por detrás da busca por essa preservação. Porque compreender a multiplicidade e a multifacetada compreensão de patrimônio internacional requer que você tenha também uma compreensão bastante pluralizada das culturas.

Eu acho que “plural” é exatamente essa compreensão que entender levadas migratórias, tráfico ilícito de bens culturais, devolução de obras que foram espoliadas no passado, atores globais da preservação, patrimônios mundiais e patrimônios da humanidade, por exemplo, só para citar alguns temas que temos trabalhado, todos eles pressupõem que você tenha um trânsito sobre as áreas das Ciências Humanas, das Ciências Aplicadas, uma aproximação com a Sociologia e com a visão antropológica. Quer dizer, você precisa necessariamente sair do pedestal da História e conversar com as outras áreas. Eu acho que esse é o grande desafio de quem trabalha nessa dimensão. Então, pensando de 2015 para cá, já publicamos muitos outros textos, em grupo e individualmente e eu acho que quanto mais se populariza o termo e se tenta conceber o *soft power* como uma ferramenta possível para se compreender a atração que é possível ser feita – a partir do seu convencimento e um de um gravitacional de interesses –, mais ele é utilizado e esse é o nosso propósito. Era nesse livro e depois nos outros também.

Agora, nesse meio tempo houve uma pandemia e ela não só potencializou a problemática da perda dos patrimônios ao redor do mundo, a negligência, o esquecimento ou a deterioração desses patrimônios, como também potencializou o roubo de patrimônios. Estamos nesse momento contabilizando, na verdade, as perdas e os danos causados e que ainda vão perdurar, porque ainda não temos a dimensão exata do profundo impacto que essa pandemia causou na preservação do patrimônio em nível internacional. O que percebemos de 2015 até hoje com as publicações, é que se avoluma progressivamente a temática ou as temáticas ao mesmo tempo que a compreensão do termo está sendo, cada vez mais bem empregada e aplicada em determinadas situações. De maneira que se consegue não apenas emular, ou seja, copiar informações e vivências, mas também compreender, de acordo com os

nossos relatos, com as nossas pesquisas, que o conceito de *soft power* pode e deve ser aplicado em algumas das pesquisas sobre preservação de patrimônio.

- **O seu mais recente livro, organizado em parceria com o Prof. Dr. Marcos Olender, intitulado “*World Heritage Patinas: Actions, Alerts and Risks*”, reuniu dezenas de pesquisadores/as. Como foi o processo de elaboração da obra? A publicação no exterior e em inglês foi uma escolha para inserir, ainda mais, as pesquisas brasileiras no debate mundial sobre os alcances e limites das políticas preservacionistas?**

De 2015 para cá, nós publicamos além de outros textos, dois livros e esses necessariamente foram publicados em inglês, pela editora Springer. O “*World Heritage Patinas*” (Pátinas do Patrimônio Mundial), publicado em 2021, junto com o Prof. Dr. Marcos Olender, e outro que se intitula “*Internations Relations Heritage: patchwork partiners plurality*”, isto é, “Relações Internacionais e patrimônio: uma colcha de retalhos de pluralidade”. Esse livro foi editado junto com a professora portuguesa Maria Leonor Botelho, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Tanto esse livro quanto o publicado com o Prof. Marcos Olender, trazem um grande panorama sobre o tema. Para vocês terem uma ideia, são cerca de 60 diferentes temas que estão sendo vislumbrados nesses dois livros e que dão conta de um grande panorama temático e também conceitual sobre as preservações, no plural, do Patrimônio Mundial e dos patrimônios em nível internacional. Então, acho que a ideia de publicar em inglês, sem dúvida nenhuma, é para potencializar em nível internacional as pesquisas que estão sendo realizadas no Brasil, nessa ambiência da preservação do patrimônio.

Nessas obras se encontram uma infinidade de pesquisadores, dos mais variados graus de visibilidade. Temos pessoas muito conhecidas do *mainstream* e temos pesquisadores novatos que estão iniciando. Essa dinâmica pedagógica dos livros de trazer pesquisadores consagrados e pesquisadores ainda em formação é uma dinâmica que me agrada muito, porque a preservação do patrimônio está inserida em todos os níveis da própria formação humana. Então, isso também corrobora uma ideia de que para formar quadros é necessário que se tenha esse incentivo de publicação. Os dois livros, tanto o primeiro livro lançado com o professor Marcos Olender quanto esse segundo livro vinculado a professora Maria Leonor Botelho, traduzem um pouco o que o grupo de pesquisa “Patrimônio e Relações Internacionais” tem feito, que é ampliar as redes de conexão de colaboradores ao redor do

mundo. Temos pesquisadores do Uruguai, do Chile, da Argentina, da França, da Itália, dos Estados Unidos da América, do Japão e de países africanos. Hoje há uma rede que realmente tem se consolidado e ambos os livros, de uma certa maneira, são um cartão de visitas para apresentação dessas pesquisas em âmbito internacional, com maior foco e cuidado com as pesquisas produzidas aqui no Brasil.

- **Em 2022, a Convenção para Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural, Natural completará 50 anos. Como você avalia a atuação da UNESCO e sua lista de Patrimônios da Humanidade na consolidação de alianças multilaterais entre os países?**

Essa última questão, por outro lado, é um pouco mais complexa, porque solicitar que se faça uma avaliação do papel da UNESCO nestes últimos 50 anos, desde 1972, quando se publica a famosa Carta de Paris, que não só institui a conexão do patrimônio natural, mas institui também a lista do Patrimônio Mundial, merece um cuidado especial. Vamos lembrar que está se tratando de dois conceitos embora congruentes, diferentes. Patrimônio Mundial está vinculado a conexão dos patrimônios edificados e não são chancelados pela UNESCO, mas identificados. Portanto, podemos chamar da lista do Patrimônio Mundial aqueles patrimônios edificados que fazem parte dessa lista que pode ser controvertida, extremamente criticada em alguns casos, mas que de certa maneira tenta reproduzir de maneira bastante capilarizada e pluralizada, a visão do que se entende como Patrimônio Mundial.

A segunda é chamada de Patrimônio da Humanidade que tem uma característica muito mais vinculada a ideia da imaterialidade, tanto que a gente tem uma lista do Patrimônio Imaterial Mundial, que a gente chama de Patrimônio da Humanidade. É muito comum confundir os dois, chamar de Patrimônio Mundial da Humanidade, por exemplo, que seria uma redundância, mas há autores que inclusive trata de sentido. Eu prefiro chamar de Patrimônio Mundial quando se trata de patrimônios edificados e Patrimônio da Humanidade quando se trata da imaterialidade. Dito isso, eu acho que a despeito das críticas que se faz de uma lista do Patrimônio Mundial, necessariamente mais plural, que ela é muito centrada na Europa Central e nos Estados Unidos da América, que está tendo uma proeminência, cada vez maior, e na Ásia, por conta da China. Mas que também, em detrimento disso, há um arrefecimento e apequenamento dos patrimônios da África e da América Latina. Logo, se percebe que nos últimos anos, sobretudo, nas últimas duas décadas, que a UNESCO passou

de uma espécie de organismo internacional multilateral com grande força para um organismo internacional que perdeu muita visibilidade e que, de certa maneira, está tentando recobrar certa credibilidade que perdeu ao longo do tempo.

Sabemos que tudo que funciona efetivamente no mundo globalizado funciona por conta também dos aportes financeiros que são colocados, sendo assim, não se pode esquecer que grande parte ou a totalidade, melhor dizendo, dos países que fazem parte da ONU, portanto fazem parte também da UNESCO, pagam uma anuidade. Esse valor é revertido justamente na preservação dos patrimônios edificados, naturais ou culturais mundiais e, de um tempo para cá, talvez de maneira excepcional, alguns dos países ricos como os Estados Unidos, por exemplo, deixaram a UNESCO, junto com o Israel, há dois anos atrás. Isso causou um verdadeiro *déficit* financeiro no órgão e pela primeira vez na história da UNESCO, você entra no seu site e vê lá uma tarja vermelha pedindo doações, “ajude a UNESCO a sobreviver”. Realmente vivemos um momento de inflexão, muito cuidadoso e delicado do ponto de vista de 50 anos depois da criação da lista do Patrimônio Mundial. Por outro lado, se você quiser completar essa compreensão, também estão crescendo os estudos, ou a percepção a partir de estudos, da necessidade de uma lista do Patrimônio Mundial mais representativa, mais capilarizada, menos eurocentrista, menos focada no lado norte do mundo. Então, eu acho que esses são temas muito interessantes que essa pergunta pode levantar.

No momento de efeméride, como os 50 anos da Carta de Paris de 1972, carta esta que por um lado criou o conceito de patrimônio natural e por outro estabeleceu a famosa lista dos Patrimônios Mundiais, é importante refletir como nós, hoje, meio século depois, enxergamos esse documento. É relevante termos essa percepção, porque cinco décadas depois, obviamente que muita água rolou debaixo dessa ponte: o que era e o que foi a UNESCO há 50 anos atrás e o que é e o que está sendo a UNESCO hoje em dia. Então, merece da gente um olhar mais cuidadoso. Eu não sou um crítico diletante da UNESCO, ou seja, não critico por esporte. Acredito que tem coisas fundamentais que apenas a UNESCO consegue efetivamente fazer.

Nesse meu livro junto com a Leonor Botelho, “Relações Internacionais e Patrimônio”, nós temos uma importante entrevista com a Irina Bokova, que foi a anterior diretora-geral da UNESCO, e nessa entrevista é muito interessante que ela conta que ao longo de tanto tempo à frente da UNESCO, efetivamente ela teve que enfrentar essas questões burocráticas, como essas questões profundas de perda de receita. E perda de receita significa perda de preservação do patrimônio. Então, eu penso que se por um lado nós acadêmicos podemos

criticar, em certa medida, a forma como é feita essa lista do patrimônio, por outro lado, não há dúvidas que é justamente esta lista que potencializa, muitas vezes, divisas para estes estados, o turismo nesses lugares e também a projeção internacional da marca desses espaços no mundo. De maneira que se pensarmos que as Relações Internacionais, assim como a concepção do *soft power* e, principalmente esse mapeamento Mundial dos patrimônios, estão cada vez mais, em evidência justamente porque se compreende que grande parte da nossa própria cultura, da nossa própria identidade, também passa pela compreensão desses tópicos que estão alocados nessa dinâmica das Relações Internacionais, do patrimônio e da História. Com isso, fechamos um ciclo do porquê historiadores estudarem isso, pela obviedade de que tudo pode ser estudado pelos historiadores, mas, sobretudo, porque cada vez mais temos nos atentado ao pêndulo da preservação da cultura e sua importância ao redor do mundo.